



GT 35. Entre arte e política: articulações contemporâneas em pesquisas antropológicas

Coordenador(es):

Vitor Pinheiro Grunvald (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Glauco Batista Ferreira (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Em continuidade às reflexões desenvolvidas em Grupos de Trabalhos nas Reuniões de Antropologia do Mercosul e em Simpósios de Pesquisas Pós-Graduandas nos Encontros Anuais da ANPOCS, este grupo de trabalho se foca nas relações entre arte e política, pensando-as a partir dos diferentes modos pelos quais as articulações entre estas esferas se engendram de modos distintos e se expressam nos cenários sociais contemporâneos. Pensar a arte em seus efeitos políticos e refletir sobre a política através de ações, de objetos, de imagens e performances artísticas tem sido uma constante em diferentes pesquisas realizadas no campo das ciências sociais e especialmente no campo antropológico nos últimos anos. Propomos acolher investigações que refletem sobre agências através de imagens, materialidades, objetos, trabalhos realizados a partir de performances e de expressões e práticas corporalizadas, de práticas de organização coletiva e de ações e mobilizações sociais que apontam o rico potencial transformativo dessas formas sociais que são ao mesmo tempo artísticas e políticas. Dessa maneira, incentivamos a submissão tanto de trabalhos que problematizam as relações entre arte e política em suas intersecções com marcadores sociais da diferença quanto pesquisas que exploram como as maneiras pelas quais a prática etnográfica se dá nos interstícios de práticas artísticas.

Entre o popular e o engajado: João do Vale, performance e estratégias estético-políticas

Autoria: Marina Alves Dutra (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Ao longo de sua carreira, o compositor maranhense João do Vale transitou entre as categorias de artista "regional, sertanejo e popular" e "engajado". Nos seus primeiros anos no Rio de Janeiro, no início da década de 1950, sua carreira era baseada primordialmente na venda de composições a artistas identificados com o forró e o baião. Sua participação no Show Opinião representou uma inflexão na sua carreira, inserido-se em um novo imaginário "romântico-revolucionário" voltado para a ideia de "povo", em que a utopia do progresso ligava-se à busca das suas raízes nacionais, representando o retirante nordestino, na proposta que trazia três personagens constituindo a tipificação de uma brasilidade a ser buscada e construída. Porém, o recrudescimento do regime empresarial-militar, após dezembro de 1968, vai materializar uma nova correlação de forças no campo da cultura nacional, representando uma virada nessa disputa pela construção do que seria música a popular do país, com perseguição à arte política e novas formatações em torno da música regional e João do Vale passa a estar associado à categoria de arte engajada e passou um período de autoexílio em Pedreiras, sua cidade Natal, retornando ao Rio de Janeiro, a fim de retomar a carreira artística, em 1971. Nesse momento, de nova perspectiva para o projeto de música popular brasileira, João e sua obra não tenham mais se enquadrado na universalidade proposta para a proposta de MPB, volta a identificar-se com as autênticas canções regionais, que não tinham o mesmo prestígio no mercado da música. Diferentes contextos da disputa pela unificação de uma identidade musical brasileira, o que pode revelar as relações de poder entre os grupos sociais e o que isso diz sobre legitimidade e prestígio no campo artístico. Dentre a articulação e o acúmulo dos capitais econômico, social e cultural que, segundo Bourdieu, baseiam o poder de legitimação que os diversos agentes da arte disputam no campo artístico, buscamos compreender os determinantes sociais e epistemológicos que atravessavam a constituição do quadro sociocultural de possibilidades em que João do Vale exerce sua carreira. Também analisaremos a sua performance enquanto



manifestação da obra na experiência compartilhada com o público e apreensão do sentido da experiência estética, nesses diferentes contextos, a partir das tentativas de enquadramento, seus sucessos e deslizamentos tensionados, a partir sua trajetória.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: